

## **Conversa de professor: Célida Salume Mendonça**

*Doutora em Artes Cênicas, Professora Adjunta da  
Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia  
por Alexandra Dumas*

## Conversa de professor: Célida Salume Mendonça<sup>1</sup>

por Alexandra Dumas

**RT: Em sua opinião, quais os principais instrumentos metodológicos utilizados no ensino de teatro? E por que os jogos teatrais se constituem como o recurso mais explorado nas aulas de teatro?**

Formalmente no Brasil temos quatro abordagens metodológicas, todas baseadas no improviso: o jogo dramático, de tradição francesa, que tem sua fundamentação em Jean-Pierre Ryngaert (2009), o jogo teatral (*theatre game*) concebido e sistematizado por Viola Spolin (1992), metodologia de atuação e conhecimento da prática teatral, o Drama de origem anglo-saxônica, que chega ao Brasil a partir das pesquisas da Prof<sup>a</sup> Beatriz Cabral (1998) e o Teatro do Oprimido que sistematiza diferentes categorias de jogos e exercícios teatrais elaborados por Augusto Boal (1982). Poderia ainda incluir um quinto instrumento metodológico, a utilização da peça didática como modelo de ação, proposta por Ingrid Dormien Koudela a partir de seus estudos sobre Brecht. A professora Maria Lúcia Pupo também contribui de forma significativa com a sistematização de jogos de apropriação do texto para a condução de processos de aprendizagem teatral. Talvez o jogo teatral tenha sido um dos recursos mais acessados para o planejamento de aulas de teatro por estar presente nas primeiras bibliografias dos currículos dos cursos de Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas e posteriormente, permanecendo nas Licenciaturas em Teatro e em Artes Cênicas. No período em que cursei a

1. Doutora em Artes Cênicas, Professora Adjunta da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.

graduação (1986-1990), o *Jogo Dramático Infantil* de Peter Slade; *Jogo, Teatro e Pensamento* de Richard Courtney e *Improvisação para o Teatro* de Viola Spolin eram as principais fontes de consulta para o Teatro na Educação. Este último, publicado em 1963 chega ao Brasil em 1978 com a tradução de Ingrid Koudela e Eduardo Amos. O livro é uma das referências teórico-práticas para o Ensino de Teatro norteando professores de teatro, assim como educadores de outras áreas de conhecimento. O método de análise através das ações físicas de Stanislavski também contribuiu para a fundamentação dos jogos teatrais. Para os interessados em aprofundar seus estudos em Viola Spolin a tese da Prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida de Souza intitulada *Teatro-educação e os processos de indistinção estética na Pós-modernidade: uma reflexão sobre “Improvisação para o Teatro”* de Viola Spolin analisa os procedimentos descritos pela autora no livro *Improvisação para o Teatro* e as maneiras pelas quais estes podem ser vislumbrados como instrumentos de reflexão crítica a respeito dos processos de indistinção estética na pós-modernidade.

**RT: Qual a importância da sistematização da experiência do jogo na fase infantil, se considerarmos que, independente das aulas de arte os jogos são praticados?**

Imagino que a pergunta esteja se referindo a fase infantil de 0 a 6 anos. As brincadeiras e os jogos efetivamente são praticados mesmo sem instrução nesse período, mas a intencionalidade com que são trabalhados e mediados na prática pedagógica teatral contribuem para a formação pessoal e social desses educandos. Essas experiências e sua mediação qualificada vêm acompanhadas de reflexões sobre o desenvolvimento da identidade e da autonomia, ressaltando o processo de socialização dos envolvidos. As crianças brincam e jogam seguindo as mesmas regras porque não conhecem diferentes variações. Sistematizar a experiência de jogo no ambiente educacional abre a oportunidade de planejar situações de pesquisa destas expressões envolvendo os familiares, participando de rodas de conversa e troca, socializando essas experiências, ou seja, ensinando aos colegas de outra forma o que aprenderam, além de desenvolver a familiaridade com a linguagem teatral. Brincar de estátuas, por exemplo, é um jogo no qual se desenvolve a expressão corporal, a concentração, a prontidão, a disciplina e a atenção. Jogos de percepção e escuta de sons, de objetos; brincadeiras cantadas; jogos de imitação e produção de sons e gestos; podem desenvolver habilidades, atitudes e conceitos referentes à linguagem teatral. O agrupamento de alguns jogos e não de outros com objetivos específicos facilita também o trabalho com determinado público, como crianças com alguma deficiência. Sistematizar a experiência do jogo nos permite diag-

nosticar os problemas do grupo e propor jogos adequados a cada momento do processo. Os fatores de ordem afetiva e de personalidade, uma das possíveis causas do fracasso escolar, podem ser amenizados quando a criança compartilha o mundo com seus colegas, sentindo-se parte daquele espaço. Através do jogo ocorre uma diminuição da supervalorização dos erros e um enriquecimento da conscientização da ação, fortalecendo a autoconfiança na criança. Elas tornam-se mais comunicativas e objetivas, e o hábito de absorção conseguido com esse exercício é uma das melhores maneiras de desenvolver a concentração. A mediação do jogo dramático e do jogo teatral na escola orienta a criança em sua progressiva inserção no mundo social, no mundo da natureza, desenvolve a aprendizagem de limites, facilita a inclusão e propicia o desenvolvimento de diferentes linguagens, por meio de sua introdução no mundo da música, do teatro, da expressão corporal e das representações simbólicas. Através da dramatização as crianças podem penetrar no mundo para explorá-lo, conhecê-lo e transformá-lo.

### **RT: Entre a determinação legal e a realidade nacional, como você analisa o quadro atual do ensino de teatro no Brasil?**

O acesso que temos a esse panorama do ensino de teatro em nosso país se limita a participação em Congressos, Encontros e Seminários, publicações na área, experiências de estágio nos cursos de Licenciatura em Teatro e em Artes Cênicas, Trabalhos de Conclusão de Curso, dissertações e teses. No que diz respeito ao ensino de Arte, o ranço da polivalência e da função contextualista nos persegue até hoje. Entretanto, o professor de teatro pode dialogar com diferentes linguagens artísticas no desenvolvimento de um percurso criativo acessando elementos da música, das artes visuais e da dança, considerando ainda que, a linguagem mostra-se mais híbrida nos dias de hoje. Por outro lado, ainda temos muitos educadores sem formação específica ensinando Arte. O sistema educacional delega a professores de formação distinta o desafio de ensinar Arte com o objetivo de complementar sua carga horária. Infelizmente ainda paira sobre nós o imaginário de que Arte pode ser ensinada por qualquer pessoa. Mesmo com tantas leis, resoluções, orientações e propostas curriculares nos respaldando precisamos advogar nosso trabalho, nossas escolhas, nossos objetivos para afastar o fantasma do “teatrinho”, “teatro para o dia do...”, “teatro sobre...”, “deixa na última aula de sexta-feira porque relaxa”, “o professor X pega as aulas de Arte para completar a sua carga horária”. Precisamos ainda após esses dezessete anos de Teatro como linguagem específica convencer os gestores das instituições educacionais e a comunidade escolar de sua existência como tal. As áreas de música, dança e teatro, ainda perdem lugar para as ar-

tes visuais na escola pública. As publicações sobre as experiências pedagógicas de teatro desenvolvidas nesse contexto ainda podem ser consideradas tímidas. Tornar o teatro uma prática cotidiana, defendê-lo como área de conhecimento, certamente não é um desafio vencido. Estamos enredados pela falta de políticas públicas e o cumprimento destas; e igualmente pela falta de desejo (aqui me refiro aos professores) de brigar por melhores condições. É evidentemente mais fácil ensinar teatro apenas para os que querem e procuram por uma oficina de teatro, do que lutar por sua presença nas escolas em caráter curricular defendendo assim uma alfabetização estética que democratize o acesso a arte. A escola ainda é, sem dúvida, um local fértil para a produção de saberes docentes, infelizmente não podemos afirmar que as escolas públicas sejam espaços atrativos no contexto atual para a defesa da obrigatoriedade do ensino de teatro. Professores e alunos das disciplinas de estágio dos cursos de Licenciatura em Teatro e em Artes Cênicas enfrentam paralisações a cada ano que interrompem os processos desenvolvidos e inviabilizam algumas propostas. Assim, retomando a pergunta inicial, entre a determinação legal e a realidade nacional ainda é pouco expressivo o espaço ocupado pelo teatro em contextos educacionais. Entretanto, os avanços podem ser sinalizados a partir do vínculo com a área de formação que vem fornecendo conteúdos e metodologias norteadoras para a teoria e prática educacional. O teatro que é ensinado hoje aproxima-se mais do Teatro e torna-se independente da Psicologia e da Educação, que até bem pouco tempo formulavam seus fundamentos.

**RT: Sabemos que em grande parte das escolas brasileiras, parte dos professores que atuam dando aula da disciplina arte não tem a devida formação. você acha que a ampliação quantitativa das licenciaturas em teatro pode resolver esse descompasso?**

Acredito que a ampliação dos cursos de Licenciatura ameniza, atenua, mas não resolve a ausência desses profissionais em boa parte das escolas brasileiras, pois a situação atual depende primeiramente de políticas públicas e concursos para as áreas específicas e com pontos/conteúdos igualmente específicos. É possível verificar que um número significativo de alunos formados nas diferentes linguagens do Ensino de Arte estão nas capitais, e nem todos voltam para as suas cidades de origem. Nos Congressos tomamos conhecimento da inexistência de aulas de Arte em muitas escolas do interior dos estados brasileiros. As áreas de Música e Dança já enfatizaram a necessidade de realização de concursos públicos específicos para a área, o que já é garantido por lei desde 1996. Outro problema delicado são os gestores das escolas do Estado e Município que, na distribuição de vagas, ao escolherem um professor de artes visuais em

detrimento de um professor de teatro, ou vice-versa, optam por este profissional pensando na sua participação em funções externas como a organização de eventos da instituição, desconsiderando o conteúdo e planejamento específico da disciplina em questão. Muitas escolas oferecem o ensino de teatro apenas em caráter extracurricular através de projetos ou oficinas. Os modos do fazer teatral no campo educativo ainda podem ser vistos com desconfiança. É comum a linguagem não ser compreendida como área de conhecimento, mas como um *recurso didático* ou como *instrumento pedagógico* para o ensino de conteúdos extrateatrais, ligados a diferentes disciplinas do currículo, ou ainda, a serviço de apresentações temáticas solicitadas pela direção da escola. Sob esse aspecto nos entristece constatar a falta de diálogo entre o administrativo e o pedagógico em várias instituições de ensino. Quanto ao Fundamental 1 (1º ao 5º ano), um bom número dos professores de Arte são pedagogos que tiveram em sua formação uma única disciplina voltada para o ensino de arte, o que ainda não é uma realidade na maioria das instituições de ensino superior do país, revelando, assim, que a formação de pedagogos com esta especificidade é rara e pode ser traduzida por um despreparo para uma prática pedagógica consistente na área de Arte. Não podemos esquecer também da EJA (Educação de Jovens e Adultos) nesse contexto. Em Salvador (BA) é desanimador verificar que Artes e Atividades Laborais estão associadas à disciplina Arte no banco de dados da Secretaria Estadual da Educação (SEC-BA), uma visão retrógrada que remete a LDB de 1971 e ao ensino de Artes e Ofícios implantado nas escolas técnicas. Por outro lado, mesmo os professores de Arte que possuem a devida formação não se dedicam a ela. Temos ainda profissionais da área licenciados em Teatro atuando como generalistas. Em pesquisa realizada para trabalho de conclusão de curso, uma aluna do Curso de Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Artes Cênicas da UDESC constatou que um percentual significativo dos alunos que se formaram no mesmo curso e ingressaram na rede municipal de ensino de Florianópolis (SC), optaram por trabalhar com o conteúdo de artes visuais. A justificativa da escolha se firmava na expectativa de administrar e controlar o espaço, colocando assim todos os alunos enfileirados com folhas de papel e lápis de cor nas mãos, ou ainda ensinando história do teatro em aulas estritamente teóricas, procedimento que geraria menos indisciplina. Ao contrário, espera-se que o licenciado sinta-se estimulado e apto a pensar a relação entre teatro, educação e sociedade em nossos dias, relação esta que, solicita respostas sempre apropriadas ao momento histórico necessitando ser constantemente revisada. Almejamos a formação de um artista e educador presente e contemporâneo, em condição de propor soluções próprias para os variados desafios que certamente encontrará nos diferentes contextos de trabalho e público, disposto a criar outros caminhos de atuação em que o teatro e a pedagogia se encontrem.

**RT: Pensando na relevância do ensino de arte, você acha adequada a carga horária de uma hora semanal?**

De fato, na maioria das escolas a carga horária destinada a disciplina Arte é de uma ou duas horas-aula semanais, o que de forma alguma é suficiente. Poderia afirmar que duas horas/aula geminadas possibilitaria desenvolver um conteúdo de forma mais adequada envolvendo procedimentos teórico-práticos e possibilitando assim, uma familiarização com a linguagem artística. Uma hora semanal acaba se reduzindo a trinta minutos, se levamos em consideração o acompanhamento da frequência dos alunos, a transformação necessária no espaço físico da sala de aula para estar adequado a atividade proposta e/ou o deslocamento de espaço, se este se fizer necessário. Não podemos deixar de mencionar também a total falta de continuidade dos conteúdos ensinados, pois com as faltas frequentes, um aluno que deixa de comparecer no dia da aula de Arte na escola entrará em contato novamente com o conteúdo em um espaço de quinze dias ou mais. Apenas ampliar a carga horária também não é suficiente, precisamos reinventar a estrutura escolar para enxergar a experiência artística dentro dela. Infelizmente o sensível, o crítico e o criativo, a produção de significados sobre o seu mundo através da arte não são prioridades da educação no Brasil.

**RT: Qual o seu posicionamento em relação aos concursos públicos para a docência de artes serem definidos pela especificidade de cada linguagem artística?**

Considero extremamente urgente e necessário que todos os concursos públicos em nível estadual e municipal sejam definidos e abertos para cada linguagem artística específica. Infelizmente, no momento, não há definitivamente força política na área educacional e autoridade (conhecimento) que direcione os concursos públicos para professor respeitando as formações específicas (propostas nos documentos oficiais)?! Por que um professor de teatro precisa responder questões sobre a música no Brasil: história e movimentos, se não é essa a sua área de formação e ensino? E sobre o desconhecimento total de boa parte das direções e coordenações pedagógicas de nossas escolas de como caminha o ensino de Arte nos dias de hoje, o que dizer? Temos um hiato enorme entre as Universidades e as Secretarias de Educação do Estado e Município em boa parte do nosso país. As instituições caminham em direção e interesses distintos. Seria importante que as associações de arte-educadores de cada estado pressionassem os órgãos responsáveis em relação aos concursos públicos específicos para cada linguagem, encontrando um canal de comunicação

de facilitasse o diálogo entre estas instituições e órgãos. Esse diálogo incluiria a capacitação continuada de professores e dos profissionais da educação que trabalham com Arte na escola, assim como os gestores para que todos possam estar sincronizados com as “novas” propostas para o ensino das Arte na educação básica. A partir de uma prática pessoal consistente e atualizada, o professor tem a possibilidade de exercitar sua autonomia, criatividade e criticidade, apontando assim, novos horizontes frente às possibilidades de transformação da nossa sociedade.